

# Turismo Cultural-Religioso, Festa Católica e Patrimônio em São Cristóvão-Sergipe-Brasil<sup>1</sup>

Ivan Rêgo Aragão\*

Universidade Estadual de Santa Cruz (Brasil)

**Resumo:** Turismo, patrimônio cultural e religiosidade se revelam como elementos para a busca de uma atividade vinculada ao lazer, educação, mas também para a produção e valorização de bens culturais e suas manifestações. Nesse âmbito, o presente artigo objetiva analisar a Festa do Senhor dos Passos, descrevendo os seus valores históricos, culturais, turísticos, sociais e artísticos. A metodologia de pesquisa, para apreensão dos elementos culturais que estão vinculados à festa religiosa, perpassou pela pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Ao final se constatou que com os elementos culturais que compõem o arcabouço da celebração, o centro antigo da cidade onde se realiza a festa, tem potencial para promover o turismo religioso católico no estado de Sergipe.

**Palavras-chave:** Turismo Cultural-Religioso; Bens Culturais; Religiosidade; Festa; Nosso Senhor dos Passos; São Cristóvão-SE.

## Religious Cultural Tourism, Catholic Festivity and Heritage in São Cristóvão-Sergipe-Brazil

**Abstract:** Tourism, cultural heritage and religion are revealed as key elements to the pursuit of an activity linked to leisure, education, but also the production and recoverability of cultural property and its manifestations. In this context, this article aims to analyze the Festival of Senhor dos Passos, describing their historical, cultural, tourist, social and artistic values. The methodology for the seizure of cultural elements that are linked to the religious festival, elapses through the literature, documentary and field. At the end it was found that with the cultural elements that make up the framework of the celebration, the historic centre where the festival takes place, has potential to promote the catholic religious tourism in the State of Sergipe.

**Keywords:** Cultural-Religious Tourism, Cultural Heritage, Religiosity; Festival; Nosso Senhor dos Passos; São Cristóvão-SE.

## 1. Introdução

Atualmente, o turismo desponta como um conjunto de atividades para além dos fatores vinculados ao lazer e a educação. O mesmo converge para ações de preservação do patrimônio cultural, resgate da memória e valorização das manifestações culturais religiosas das socieda-

des. É nesse contexto que Pérez (2009:8) informa que “o turismo como um fenômeno sociocultural complexo não deve ser só medido estatisticamente, como também interpretado qualitativamente na sua complexidade humana”.

Na análise qualitativa aspectos dos destinos turísticos que se relacionam às práticas simbólicas e de representatividade cultural, demons-

\* Mestre em Cultura e Turismo/Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Especializando em História e Cultura do Brasil/Universidade Gama Filho (UGM); Bacharel em Turismo/Estácio/Faculdade de Sergipe (FaSe); Técnico em Conservação de Bens Culturais Móveis e Integrados/Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP); Membro da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR); E-mail: ivan\_culturaeturismo@hotmail.com

tram o valor das tradições sociais de maneira a respaldar os costumes singulares da comunidade. Nesse âmbito, práticas de religiosidade, saberes e ofícios são vistos como elemento cultural da localidade. Esse arcabouço cultural suscita que as pessoas alheias ao território onde elas se manifestam se desloquem aos locais na busca dos aspectos que permeiam a tradição, o sagrado e o sobrenatural.

Quando se vincula as manifestações religiosas preexistentes e busca transformá-las em atrativos, a atividade no campo do turismo religioso percebe nas festas e procissões, ambientes potenciais para desenvolver produtos turísticos. Nesse sentido, religiosidade e fé católicas têm sido vista por parte dos órgãos oficiais do turismo no mundo e no Brasil<sup>2</sup> como *locus* de atração de diversos grupos de pessoas para os locais-sede.

Festas, procissões, rituais e santuários católicos fazem parte da dimensão cultural, pois atuam como momentos de significação e identidade sociocultural das populações residentes e flutuantes. Eles fazem parte da cultura e dos saberes locais, sendo designados de patrimônio de fé e de culto.

Em São Cristóvão no estado de Sergipe na região Nordeste do Brasil e há 26 km da capital Aracaju (Ilustração 1), acontece anualmente à celebração ao Nosso Senhor dos Passos. Ela é realizada sempre no segundo final de semana após o Carnaval,<sup>3</sup> no espaço do centro antigo da sede municipal. Com elementos do catolicismo barroco ibérico transferido para o Brasil, a refe-

rida festa é processional e penitencial com pagamento de promessas. Nos dois dias em que ela é celebrada, os últimos momentos do calvário<sup>4</sup> de Cristo são rememorados através da imagem do Senhor do Passos e das Dores de Nossa Senhora. A festa atrai pessoas em romaria<sup>5</sup> de vários lugares do estado de Sergipe e do Nordeste do Brasil.

A Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão possui em seu contexto, elementos culturais materiais e imateriais imbricados que a torna um evento vinculado à identidade cultural religiosa da cidade, patrimônio de fé da sociedade sergipana. Alguns desses elementos já são tomados nos níveis estaduais, nacional e mundial, enquanto que outros, embora não reconhecidos pelo órgão oficial de salvaguarda do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,<sup>6</sup> são valorizados pela comunidade pelos fatores da afetividade, memória, dádiva, pertencimento e culto.

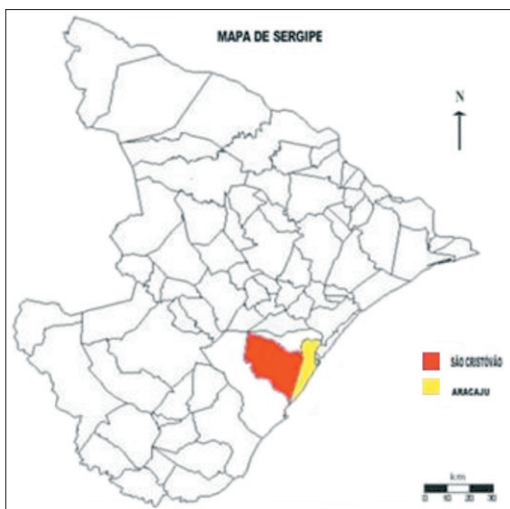
Dentre as várias dimensões que podem ser analisadas no turismo cultural-religioso, o presente artigo direcionou para valores simbólicos e conjuntos patrimoniais relacionados à Festa do Senhor dos Passos. Dessa forma, o presente artigo analisa o objeto de estudo descrevendo os seus valores históricos, culturais, sociais, turísticos e artísticos. A pesquisa se embasou em leitura bibliográfica e documental para o aporte teórico, visita de campo para observação do objeto de estudo *in loco*, entrevistas e depoimentos dos atores sociais responsáveis pela política de conservação e promoção de alguns desses bens patrimoniais.

O presente artigo partiu da discussão geral para o caso particular: no primeiro subtópico se discute a relevância do turismo religioso católico para as sociedades ocidentais e alguns dos diferentes significados de sua prática. Na segunda parte foi elaborada uma descrição do objeto da pesquisa. Na terceira fase, buscou-se demonstrar os valores de alguns dos patrimônios culturais imbricados na festa e, por fim, as considerações finais.

## 2. Turismo Cultural e Festa Religiosa Católica

O turismo como uma atividade contemporânea e multifacetada coloca na pauta de suas reflexões áreas agregadas ao fazer turístico. O turismo pode ser visto sob diversas óticas quando se alia a segmentos diferentes. Tornado o caráter de uma atividade com múltiplas formas como enfatiza Santana (2009), a cultura vinculada ao turismo traduz a produção material e imaterial,

**Ilustração 1. Figura do Mapa de Sergipe**



Fonte: Adaptado da SEPLAN/SE (2011)

sendo valorizada pelas sociedades. Um binômio propulsor dos elementos que remetem ao peregrinamento valorizado a partir do encontro entre residentes e visitantes. Segundo Alfonso (2003) a produção cultural abrange todos os aspectos criativos dos seres humanos e que, portanto, a cultura esta relacionada à igualdade entre as pessoas e os processos de mudança que são inerentes a todos. Para Barretto (2007), a cultura e suas manifestações devem ser respeitadas e valorizadas e o turismo pode ser trabalhado como elemento agregador de preservação dos aspectos culturais tradicionais do destino turístico.

De acordo com Pérez (2009), o turismo se constitui em uma motivação psicológica universal na busca de sentido para a própria vida relacionada a um ritual de passagem que marca o tempo, separando o tempo de trabalho do tempo de lazer. Nesse âmbito, as atividades relacionadas ao turismo que abrangem os aspectos socioculturais se inserem no contexto da valorização das manifestações culturais locais em todas as suas dimensões (eventos, festas, procissões, gastronomia, santuários, patrimônio em pedra e cal, costumes, danças dentre outros). O turismo como atividade vinculada à religiosidade se mescla aos aspectos das manifestações culturais do lugar, apontando para a dimensão dos saberes e ofícios existentes em uma dada região. Dessa forma, a dimensão do turismo cultural-religioso perpassa por elementos da cultura do lugar e os transforma em atrativos turísticos, tanto pela sua singularidade, como pelo seu valor patrimonial e de culto. Dentro da perspectiva do artigo que discute o turismo religioso como também cultural, Dias (2003: 17), reflete que,

“O turismo religioso apresenta características que coincidem com o turismo cultural, devido à visita que ocorre num entorno considerado como patrimônio cultural, os eventos religiosos constituem-se em expressões culturais de determinados grupos sociais ou expressam uma realidade histórico-cultural expressiva e representativa de determinada região”.

Os destinos do segmento religioso são considerados lugares de memória e afeto por parte dos devotos, romeiros, peregrinos, penitentes, moradores, turistas e observadores. Locais que, embora em alguns casos distantes geograficamente, contribuem para o retorno periodicamente do praticante dessa forma de turismo. Verifica-se um afluxo de pessoas para locais como o santuário de Nossa Senhora Aparecida em São

Paulo, a cidade do Vaticano-Itália, o caminho de Santiago de Compostela na Espanha, a cidade de Fátima em Portugal, Lourdes na França e Jerusalém no Oriente Médio. Segundo dados do Vaticano são 200 milhões<sup>7</sup> de pessoas que anualmente, fazem turismo religioso católico ao redor do globo. No Brasil, em grandes cidades ou povoados de médio e pequeno porte, constata-se a devoção aos santos e padroeiros com sua procissão anual, igrejas, santuários e capelinhas, onde atrai a população urbana e rural para o ritual de adoração. Há uma infinidade de círculos locais em torno de santuários e vilas que possuem seus santos padroeiros (Steil, 2001).

Nas cinco regiões do território nacional, um expressivo número de pessoas entre devotos, turistas, fiéis e penitentes se desloca para Juazeiro do Norte-Ce, terra do Padre Cícero; Nova Trento-SC onde se encontra o Santuário de Madre Paulina; Belém-Pa para a festa do Círio de Nazaré. Despontam como locais potencialmente turísticos, cidades como Caicó-RN, com a procissão dedicada a Nossa Senhora Sant’Ana,<sup>8</sup> Bom Jesus da Lapa-Ba, com o santuário e festa dedicado à Bom Jesus da Lapa, São Cristóvão-Sc, com a festa ao Nosso Senhor dos Passos. Além das festas e procissões, as devoções vinculadas à fé popular giram [...] “em torno do culto aos santos, nos espaços dos santuários, das capelinhas, dos oratórios” e são praticadas “por romeiros e devotos, irmandades, beatos e benzedoras” (Camurça, 2006: 257).

O turismo religioso traz para o cerne da questão bens culturais valorizados como elementos importantes para a educação, lazer, religiosidade e construção da identidade na sociedade contemporânea. De acordo com Houtart (1994), as práticas simbólicas de cunho religioso são necessárias, visto que, têm a função de fazer o indivíduo sair da trivialidade da vida cotidiana, e como consequência, estimular o reencontro com o eu interior. Essa afirmativa é corroborada por Trigo (2010), segundo o autor citado, a viagem antes de ser de cunho geográfico, cultural ou social, é uma jornada do indivíduo consigo mesmo, o que por si só se justifica como experiência fundamental na vida das pessoas. Nesse contexto o turismo religioso se enquadra nessa concepção, visto que promove uma mudança/deslocamento no entorno habitual do indivíduo em buscar aspectos existenciais e de inclusão social. Oliveira (2005: 339), também menciona a idéia do turismo religioso como um retorno do indivíduo para dentro de si, “e por isso mesmo marcado por um exercício de plena inversão: visitar santuários (tradicional ou profanos) significa voltar ao lugar de identidade”.

Segundo estudos de Dias (2003), Brasil (2008), o turismo religioso é um segmento do turismo cultural, visto que ir a locais, santuários e igrejas representativas para qualquer religião, além dos aspectos dogmáticos, são também uma forma de conhecimento cultural. O turismo religioso formata-se pela atividade ligada à busca e prática espiritual em espaços e eventos segundo as religiões institucionalizadas [...] “tais como as de origem oriental, afro-brasileiras, espíritas, protestantes, católica, compostas de doutrinas, hierarquias, estruturas, templos, rituais, e sacerdócio” (BRASIL, 2008: 19). Nesse sentido, o turismo religioso como ramificação do turismo cultural, se propõe a estimular o deslocamento de pessoas aos locais de culto e peregrinação.

Nos estudos de Richards que debate o turismo cultural, esse é visto em uma ampla abrangência, incluindo o fluxo de pessoas envolvidas como o segmento religioso. O autor citado se referencia na OMT, para elaborar a idéia de que o turismo cultural é um:

“[...] movimento de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visita a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações” (Richards, 2009: 26).

As pesquisas de alguns autores<sup>9</sup> apontam que, o segmento do turismo religioso está em franco crescimento. No Brasil, esse tipo de segmento se fortalece, na medida em que como país com grande tradição religiosa existe sobremaneira uma demanda para o desenvolvimento dessa prática. De acordo com Andrade (2002: 79), depois do turismo de férias e de negócios, o segmento que mais está se desenvolvendo é o turismo religioso, visto que,

“[...] além dos aspectos místicos e dogmáticos – as religiões assumem o papel de agentes culturais pelas manifestações de valores antigos, de intervenção na sociedade atual e de preservação no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades”.

Para Camurça e Giovannini Júnior (2003: 239) a experiência do turista enquadrado em um destino turístico que envolve os aspectos do sagrado, o põe em “contato com uma tradição religiosa – tanto na realização de uma experiência mística ou na falta desta – mas quase sem-

pre incorporando a noção de história e cultura, expressas na idéia de ‘identidade nacional’.

De acordo com Martins e Leite (2006), as celebrações de cunho sagrado dão instrumentação de identificar nesses eventos uma vivência do religioso incorporado ao cultural, possibilitando muitas vezes, a recuperação da própria identidade. Para Amaral (2000), Maluf (2001) e Montes (1998) as celebrações religiosas católicas de caráter devocional e de culto público, fazem parte da vida dos brasileiros, sendo plausível falar em uma “cultura da festa” no país. As celebrações religiosas são momentos ápices que servem para lembrar acontecimentos bíblicos ou da hagiografia<sup>10</sup> dos santos, renovando os sentimentos de fé em favor do catolicismo. Visto que, “toda religião tem sua história, ou seja, uma memória religiosa feita de tradições que remontam a acontecimentos distantes, frequentemente no passado, e que ocorreram em lugares determinados” (Rosendhal, 1996: 35). No tocante à festa no Brasil, se percebe uma multifuncionalidade e polissemia inerente de um fenômeno que se presta à assimilação de várias, culturas, costumes e etnias.

### 3. Descrição do Objeto de Estudo

Sempre quinze dias após o carnaval, o centro antigo de São Cristóvão se transforma em um “ponto fixo um Centro, para onde convergem indivíduos atraídos para o rito de devoção” (Eliade, 2008: 26). O ritual católico da festa se inicia a partir da sexta feira á noite onde os fiéis rezam o quarto Ofício da Paixão de Jesus Cristo,<sup>11</sup> seguido de uma missa. No sábado durante todo o dia, devotos,romeiros, promesseiros, penitentes, observadores e turistas, começam a chegar à cidade de São Cristóvão. Durante o dia, é intenso o afluxo de devotos em direção a Igreja do Carmo Menor onde se encontram as imagens processionais do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores.

Os devotos levam os seus ex-votos,<sup>12</sup> como materialização da graça alcançada, deixando no museu anexo. Um grande número de promesseiros faz fila para passar em baixo das charolas onde se encontram as imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores, alguns fiéis acendem velas, amarram fitas nos braços.

A noite logo após a missa campal, é realizada a Procissão do Depósito com cânticos ligados aos passos da Paixão. São paradas realizadas sempre em pontos estabelecidos e mantidos segundo a tradição da festa. Em Salvador no século XVIII a procissão do Senhor dos Passos também seguia

tradicional parada em pontos representando Passos ou Estações. O cortejo sai da Igreja do Carmo Menor seguindo pela Rua Pereira Lobo e dobrando à esquerda pela Praça Getúlio Vargas, até a Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória para o recolhimento da imagem. Na primeira procissão, a imagem de Nosso Senhor dos Passos, é levada dentro de uma armação de madeira encoberta pelo encerro,<sup>13</sup> onde permanece até o domingo à tarde para a Procissão do Encontro.

A Procissão do Encontro no domingo (Ilustração 2) é o momento mais aguardado da festa. É visível o registro de teatralização, emoção e fervor religioso, com pessoas batendo palmas, e chorando no encontro das imagens de Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Essa procissão tem dois cortejos: um que segue a imagem de Jesus carregando a cruz, saindo da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória, seguindo pela Praça Getúlio Vargas, Rua Frei Santa Cecília, indo até a Praça São Francisco, nesse percurso são cantados três Passos. Outro cortejo sai da Igreja do Carmo Menor acompanhando a imagem de Nossa Senhora das Dores em direção à mesma praça. Nesse segundo cortejo, a procissão passa pelas ruas Pereira Lobo, João Bebe Água e Leão Magno, até chegar a Praça São Francisco. Ao se encontrarem a imagens são aplaudidas e louvadas.

#### Ilustração 2. Procissão do Encontro na Praça São Francisco



Foto: Ivan Rêgo Aragão (2011)

Pessoas querem tocar na cruz do Senhor dos Passos, e assim como acontece na procissão da noite anterior, os devotos tiram as túnicas e jogam para a imagem, sendo recolhidas por pessoas da paróquia. Após o Sermão do Encontro realizado pelo Arcebispo de Aracaju, a Verônica<sup>14</sup> sobe no pequeno púlpito e canta o seu lamento:

*“O vos omnes qui transitis per viam: attendite et videte si est dolor sicut dolor meus. O vos omnes qui transitis per viam, attendite et vidente: Si est dolor similis sicut dolor meus. V. Attendite, universi populi, et videte dolorem meum. Si est dolor similis sicut dolor meus”.*<sup>15</sup>

Ao finalizar o seu canto, a Verônica se posta entre as duas imagens para seguir em um terceiro cortejo fazendo um percurso divergente dos anteriores, serpenteando pelas ruas do centro antigo da cidade. Durante o trajeto são cantados sete Passos e, em seguida, as duas imagens são levadas a Igreja do Carmo Menor para serem recolhidas. No final é realizada uma missa campal para o encerramento da celebração.

### 4. Alguns Elementos Culturais Tangíveis e Intangíveis que Compõem a Festa do Senhor dos Passos em Sergipe

#### 4.1. O Museu do Ex-voto

Em consequência da celebração centenária e milagres atribuídos ao Senhor dos Passos, ano após ano, devotos, promesseiros e penitentes levam objetos relativos às curas alcançadas. Desse modo, surgiu espontaneamente na Igreja Conventual do Carmo, o Museu do Ex-voto. O citado museu foi inaugurado no claustro da Igreja conventual do Carmo no dia primeiro de janeiro de 1990, ano que se iniciou a comemoração dos 400 anos da cidade (Santos, 2004).

O Museu do Ex-voto<sup>16</sup> despontou pela necessidade de guardar objetos de graças alcançadas em favor do Senhor dos Passos. Tornou-se ponto de atração não só de devotos que vão fazer a desobriga,<sup>17</sup> mas como mais um espaço museal da cidade. Assim como o Museu Histórico de Sergipe e o Museu de Arte Sacra – ambos no perímetro antigo – o Museu do Ex-voto, atrai visitantes, pesquisadores, turistas e curiosos. É grande o afluxo de pessoas que visitam este espaço na festa de Jesus rememorando a Via Crucis.<sup>18</sup>

“Em São Cristóvão a festa de Nosso Senhor dos Passos atrai multidões de fiéis ao santuário dos ex-votos, onde uma grande variedade

de tipos e de formas ajuda a compreender a extensão do costume devocional, resquício de um certo ideal de vida santa, predominante da Idade Média” (Barreto, 2006: 44).

Como contou em entrevista a Sr<sup>a</sup>. Lúcia Pereira,<sup>19</sup> o Museu do Ex-voto passou por mudanças em sua localização, espaço e exposição das peças. Foram priorizadas ações de reorganização, desmonte, conservação, registro fotográfico e catalogação do acervo.<sup>20</sup> O museu ficou fechado por um ano, e voltou a funcionar em uma sala anexa da Igreja do Carmo Menor, sendo reaberto na edição da festa de 2008.

De acordo com Pereira (2003: 69), “o primeiro lugar que o devoto visita, depois de ver o santo, é a sala dos milagres. Ali estão os dados concretos que o santo é eficiente, poderoso, milagreiro ou qualquer outro adjetivo que reforce a reprodução da crença”. Essa constatação atesta a fala da entrevistada Sr<sup>a</sup>. Lúcia Pereira ao mencionar que [...] “a quantidade de peças do acervo do museu atesta aos devotos que o Senhor dos Passos é milagreiro [...] essa é uma forma de reconhecimento pela qual os devotos querem mostrar publicamente [...]”.<sup>21</sup> Através da pesquisa bibliográfica, se verificou que quase sempre, as festas em favor à devoção ao santo/padroeiro que concede cura/milagre, os agentes organizacionais criam um local – próximo à imagem ou lugar dos milagres – para o recebimento dos ex-votos. As salas dos milagres ou museus dos ex-votos são de suma importância, pois ao guardar objetos de graças alcançadas, tornam-se locais de registro material do poder do santo padroeiro.

#### 4.2. As Igrejas e Praças do Circuito da Festa

Como espaço onde são guardadas as imagens processionais – durante o ano e na festa – o Conjunto Carmelita (Igreja Conventual do Carmo Maior e Carmo Menor) e a Igreja Matriz apresentam ao devoto todo o microcosmo sagrado de equilíbrio e realidade religiosa. O conjunto carmelita foi edificado ainda quando o Brasil era colônia de Portugal. Segundo alguns autores,<sup>22</sup> a igreja inicial também conhecida como Carmo Maior, foi ampliada a partir da capela primitiva em 1739 tendo como mestre o frei Antônio de Santa Eufrásia Barbosa (Carvalho, 1989), (Orazem, 2006). O altar da igreja possui o estilo neoclássico e foi construído após a igreja. O convento existe desde o final do século XVII, e de acordo com Carvalho (1989), foi reedificado entre 1755 e 1763 pelo frei José Ângelo Teixeira. Possui claustro térreo e colunas no mesmo estilo dos conventos franciscanos. Em 1874 funcionou

o Liceu de São Cristóvão e já no século XX, o convento foi reformado para funcionar o Colégio Imaculada Conceição. Em 1924 foi criado o noviçiado, onde a Beata Dulce dos Pobres estudou e recebeu seu hábito.<sup>23</sup>

O conjunto carmelita é o os espaço sagrado por excelência, onde através dos ritos, ações e condutas se vive a sacralidade em sua maior intensidade. São os locais onde se fazem mais presente, o controle e organização da Igreja. Na análise de Rosendhal (1996) é nesse controle de pessoas e coisas que muitas vezes que a religião se estrutura, criando os seus territórios. Essa constante doação que impregna a filosofia de vida dos irmãos carmelitas está vinculada ao esforço da igreja participar enquanto instituição eclesial benevolente. Segundo Mauss (2008), o dar e receber e retribuir – que nem sempre envolve trocas materiais – se reveste de uma relação onde a dádiva torna-se fator de aliança entre as partes. As ações dos carmelitas são uma forma da Igreja Católica esta próxima dos seus fiéis, orientando as pessoas para a liturgia, sacramento e ritos.

Com a devoção ao Senhor dos Passos, a antiga Capela da Ordem Terceira do Carmo (Carmo Menor), passou a ser popularmente conhecida como a Igreja do Senhor do Passos. No Inventário de Bens Móveis e Integrados realizado pela Superintendência do IPHAN em Sergipe, está documentado que a edificação foi construída em 1745. É um monumento tombado inscrito no Livro de Belas Artes,<sup>24</sup> volume I, folhas 60, 279A e no Livro Histórico, volume I, folhas 35, 212 ambos no ano de 1943 (Brasil, 2001).

Na análise de Orazem (2006), os elementos artísticos da fachada – fitomórficos, concheados e volutas<sup>25</sup> – destaca o estilo Rococó na construção da Igreja Conventual do Carmo Maior. Segundo a autora citada,

“Supõe-se que a igreja da Ordem Terceira – denominada de Nosso Senhor dos Passos ou Carmo Menor – foi construída posteriormente, mais ou menos nessa segunda época (segundo quartel do século XVIII), isso porque era habitual acontecer, já que as irmandades estabeleciam-se após a autorização dos clérigos e também porque suas características mais recentes” (Orazem, 2006: 42).

As figuras da concha e volutas confeccionadas em pedra calcária estão presentes no coramento da portada. Faz parte do conjunto da entrada, a imagem de Nossa Senhora do Carmo e o símbolo do Monte Carmelo, ambos esculpidos com o mesmo material. Os seis retábulos late-

rais em estilo Rococó e sem policromia, emolduram as esculturas do Senhor da Pedra Fria, Senhor da Coluna, Santa Tereza D'Ávila, São Simão Stock, bem como uma pequena imagem de vestir de Nossa Senhora do Bom Sucesso. É na Igreja do Carmo Menor que as imagens do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores ficam guardadas, onde passam o ano entronadas respectivamente, no altar-mor e lateral. A imagem de roca do Senhor dos Passos permanece localizada na parte mais elevada do altar mor dentro de um nicho, no entanto, a escultura de Nossa Senhora fica localizada no primeiro altar lateral à esquerda de quem entra na igreja.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória é datada de 1608 e foi edificada pelos padres jesuítas por ordem dos reis da Espanha para ser a Sede Episcopal (Carvalho, 1989). A Matriz passou por várias modificações ao longo de sua existência. Em 1859, ela desabou desde a entrada principal até o arco cruzeiro<sup>26</sup> sendo praticamente reconstruída. No arco principal é possível verificar a presença de dois anjos e a imagem de São Cristóvão em pedra calcária. Segundo Carvalho (1989: 38), [...] “de grande volumetria, esta igreja possui duas torres bem proporcionadas, guarnecidas por azulejos brancos e encimadas por galo português. Os púlpitos são em estilo barroco com ‘taças’ em cantaria”. Nas comemorações da Festa ao Senhor dos Passos é para a Igreja Matriz que se dirige a imagem no sábado à noite na Procissão do Depósito, sendo recebida para visitação de devotos a partir da madrugada do domingo até ser levada em cortejo no mesmo dia à tarde para a Procissão do Encontro.

A Praça Getúlio Vargas, onde se encontra a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória é o espaço onde notadamente no domingo a relação sagrado/profano é mais intensa. Dentro da igreja matriz o controle e a organização se fazem presente, porém, à frente da igreja, onde se encontra o quadrilátero da praça, se faz presente um intenso comércio com vendas de bebidas, música sertaneja, parquinho de diversões para as crianças etc.

A Praça São Francisco<sup>27</sup> se transforma no cenário para a Procissão do Encontro. A intensidade da sacralidade dos espaços durante a Festa de Passos é definida muito por conta da Procissão do Depósito que desloca a imagem do Senhor dos Passos da igreja do Carmo Menor para a da Matriz. Em entrevista, a Sr<sup>a</sup>. Aglaé D'Ávila Fontes,<sup>28</sup> menciona que, [...] “a Festa de Nosso Senhor dos Passos, é uma das mais representativas da religiosidade popular em Sergipe” [...].<sup>29</sup> A secretária faz uma alusão a fé que se estabeleceu no Brasil com a colonização portuguesa. [...]

“em São Cristóvão não foi diferente, mesmo por conta de uma herança religiosa muito presente com as igrejas espalhadas pelo centro antigo” [...].

São Cristóvão além de ter sido a primeira sede da Província de Sergipe Del Rey (Nunes, 2007), por já ser inaugurada com *status* de cidade (ficando atrás respectivamente de Salvador, Rio de Janeiro e João Pessoa, antiga Nossa Senhora das Neves), detém o título de quarta cidade mais antiga do Brasil. Segundo a interlocutora, [...] “desde a colonização do Brasil houve a presença de duas grandes instituições religiosas no Brasil colônia: jesuíta e carmelita. Ambas as irmandades citadas vieram para São Cristóvão e aqui edificaram sua fé” [...]. De acordo com a Sr<sup>a</sup>. Aglaé, em São Cristóvão atesta-se a força da Igreja Católica, embora hoje já se perceba [...] “várias igrejas evangélicas e terreiros de culto negro, onde muitas vezes a participação de pessoas de outra religião, principalmente o candomblé, está vinculada ao sincretismo religioso próprio da cultura brasileira” [...].

Em um ambiente eminentemente histórico onde se realiza a festa, existe a dimensão macro espacial (todo o perímetro urbano da cidade) e a dimensão micro espacial (o centro antigo demarcado pelas três principais praças e suas ruas). O conjunto carmelita composto pela Igreja do Carmo Maior, Convento e Carmo Menor (atual igreja de Nosso Senhor dos Passos) e a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Vitória, as praças Getúlio Vargas e São Francisco, largo do Carmo e as ruas do circuito das procissões, se revestem de uma aura para manifestação do sagrado.

#### 4.3. As Imagens da Procissão

As representações das figuras de Cristo e Nossa Senhora, sempre exerceram fascínio dentro da religião católica. No catolicismo, a adoração de imagens faz parte da doutrina, sendo recomendado o seu culto e devoção como mediador no diálogo com Deus. Steil (2001: 21) reflete que “da mesma forma que os corpos humanos são depositários das almas invisíveis, as imagens são os corpos dos santos. Através das imagens se estabelece uma comunicação entre vivos e mortos”. Dentro das tipologias das imagens, dimensões e tecnologia de construção, o presente livro destaca as imagens de roca que estão inseridas na festa são-cristovense, no imaginário e memória coletiva dos participantes. Tendo o Cristo e Nossa Senhora, os principais objetos de devoção e personagens da comemoração sacra. As imagens de roca e de vestir tiveram grande força na Espanha e Portugal barrocos e, foram de

lá, transplantadas para a América Portuguesa. Com a união ibérica, esse tipo de imagem teve grande aceitação em Salvador (Flexor, 2005) e como consequência em São Cristóvão, visto que a província de Sergipe Del Rey esteve ligada a Bahia, tanto política, como religiosamente até 1820<sup>30</sup> (Nunes, 2007).

As imagens de roca da Festa do Senhor dos Passos são articuláveis e foram construídas no século XVIII ou XIX (Brasil, 2001). Representam o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. Segundo o Inventário de Bens Móveis e Integrados (Brasil, 2001), fazem parte do acervo da igreja da antiga Ordem Terceira do Carmo. Ambas as imagens, têm proteção legal nos níveis estaduais e federais, bem como tombamento em conjunto com a edificação. A imagem do Senhor dos Passos está inscrita no Livro Histórico, volume I, folha 35 e de Belas Artes, volume I, folha 60. A escultura processional de Nossa Senhora (Ilustração 3) possui inscrição no Livro Histórico, volume I, folha 35 e no Livro de Belas Artes, volume I, folha 60 (Brasil, 2001).

Construídas em madeira pouco talhada e policromada, são destinadas ao culto interno da igreja, mas principalmente, ao culto público. As duas imagens possuem cabeça e mãos, porém, a imagem do Senhor dos Passos por está com um dos joelhos tocando o chão, se apresenta com um dos pés aparente. Como a imagem de Cristo, a de Nossa Senhora possui o corpo confeccionado em uma armação em madeira forrada com um tecido azul.

O destaque fica para a imagem que representa Jesus em uma das cenas da Paixão, que possui olhos de vidro, indumentária e peruca, estes dois elementos trocados a cada edição da

### Ilustração 3. Escultura Processional de N. S. das Dores



Autor: Ivan Rêgo Aragão (2011)

feita. Nos estudos de Quites (1997, 2007), tanto a imagem de vestir, como a de roca possui articulações, porém ficam escondidas sob a indumentária. “Essas duas categorias geralmente possuem perucas de cabelos naturais e vestes feitas em tecido” (Quites, 1997: 1). No Brasil desde o século XVIII, foram confeccionadas para serem utilizadas nas procissões e servirem para tornar a cena mais realística e dramatizada. Flexor (2003: 529) menciona que em Salvador setecentista,

“A possibilidade de mudar a roupagem e gestos se coadunava perfeitamente com a teatralidade barroca e com que a cena pedia. Essa prática, como se viu, remontava a Idade Média, quando, nas teatralizações das vidas dos santos, a Igreja tomou emprestada do teatro de marionetes o uso de bonecos, vestidos de acordo com a cena que representavam”.

Até o final do século XIX as imagens de roca foram importantes instrumentos de propaganda religiosa católica contrareformista. Relegadas por anos, atualmente vêm sendo estudadas por historiadores e pesquisadores da história da arte em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.<sup>31</sup> A revalorização desses objetos de culto está em perceber a sua relevância como elementos didáticos e com força sociocultural. Pelo seu apelo visual, as imagens de roca/vestir foram no Brasil colônia, facilitadoras na assimilação da filosofia barroca trentina da contrareforma. Foram importantes objetos de culto e devoção para a conversão dos ameríndios, africanos da diáspora e portugueses que aqui se encontravam, relembrando a força da Igreja em solo brasileiro.

“Criadas e enfatizadas pela matriz sensorial das procissões, as imagens provocavam emoções e lágrimas nos fiéis. E essas lágrimas, inclusive recomendadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, surgiam diante das cenas de sofrimento de Cristo e de Maria. Outras levavam à meditação. Criavam, por assim dizer, o cenário propício” (Flexor, 2005: 165).

Quando não estavam em cima das charolas nas procissões, serviam para o culto dentro das igrejas. Eram periodicamente limpas, trocadas de roupa, cabelo e jóias. Inicialmente possuíam indumentária simples para representar a luto no caso de Nossa Senhora nas cenas da Paixão. Com a responsabilidade a cargo das irmandades e ordens terceiras as imagens passaram a serem ornadas com tecidos e jóias mais caros.



Em entrevista, o Sr.<sup>o</sup> Henrique dos Santos<sup>32</sup> salientou a importância do processo de revisão do estado de conservação relativo à imagem.

Pela sua dupla função – social e religiosa – é fundamental que mantenha a imagem com a sua estrutura e estética intacta, para que ela continue exercendo esses dois papéis na sociedade (Maués; Herrera-Romero; Quites, 1998). Haja visto que, muitos devotos, não se contentam apenas em olhar e venerar Nosso Senhor dos Passos, eles querem tocar a imagem, jogar roupas e muitas vezes, os objetos dos ex-votos, danificando a carnação, ou até, desarticulando o braço da imagem. Esse fato também foi relatado por D. Neném ao informar que [...] “teve um ano que jogaram bastantes vestes roxas em pagamento de promessa, que o braço do Senhor dos Passos descolou” [...].<sup>33</sup>

#### 4.4. A Memória Vinculada ao Mito do Achado da Imagem

O mito relacionado ao achado da imagem e que iniciou as rezas, devoções e posteriormente à festa, faz parte da memória coletiva da comunidade. A tradição oral confirmada pela documentação de Serafim Santiago datado de 1920 aborda a origem da Festa do Senhor dos Passos em São Cristóvão.<sup>34</sup> Nesse contexto, às homenagens a Cristo sob esta invocação, encontram sua gênese a partir de uma estória que remete ao achado da imagem no rio Paramopama.<sup>35</sup> Esse fato é narrado por quase todos os depoentes da pesquisa de campo.<sup>36</sup> O encontro da caixa feito por um pescador é recorrente na memória dos moradores mais antigos, sendo passada para a população mais jovem, sejam nos dias da festa ou durante todo o ano.

No Brasil, principalmente na região nordeste do século XVIII e XIX a irmandade terceira carmelita foi responsável pelo culto público das cenas da Paixão, e, portanto, “tiveram o privilégio da cerimônia da procissão do Senhor dos Passos” [...] como explica Flexor (2003: 526) em sua pesquisa a documentos de fontes primárias.<sup>37</sup> Acredita-se que em São Cristóvão não foi diferente, isso justifica o ato do pescador em levar a escultura de roca para a igreja dos carmelitas. A imagem representa cristo ajoelhado, e desse modo, faz parte de uma das cenas dos mistérios da Paixão.

O mito do achado de uma imagem no meio fluvial ou marítimo e que, posteriormente, torna-se milagreira, é revisitado em alguns lugares de peregrinação e celebração religiosa do catolicismo no Brasil e no exterior. Sejam nas invocações nacionais ao Nosso Senhor dos Passos, Nossa

Senhora Aparecida, Bom Jesus de Pirapora, Nossa Senhora de Nazaré, ou na representação da padroeira nacional cubana *La Virgen de la Caridad del Cobre*.

Os exemplos dos mitos do achado acima citados tornam possível constatar que independente da veracidade dos fatos, eles povoam a fé e o imaginário coletivo de quem participa das festas. Segundo Steil (2001), quando se compara os mitos e lendas em volta dos santuários brasileiros, verifica-se um padrão de símbolos, signos e narrativas que se repetem. O mais importante entre os mitos e lendas, não é o fato em si, mas apontar para uma sucessão de fatos que guiam para uma melhor compreensão da tradição e da cultura brasileira. Em algumas religiões a água é vista como fonte da vida, elemento de regeneração e purificação. Na tradição judaico-cristã a água simboliza a origem da criação do mundo. Como “fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em consequência, considerada como uma *hierofania* (Chevalier; Gheerbrant, 1993: 16).

Nesse sentido, os mitos que envolvem as festas religiosas católicas populares conferem uma aura de mistério ao santo cultuado, onde o “maravilhoso” e o “fantástico” inserem-se na própria sacralidade da comemoração. É nos mitos que permeiam o santo padroeiro que os devotos se apegam e perpetuam a sua fé e devoção. Mesmo não sendo oficialmente registrada, a Festa de Nosso Senhor dos Passos com as suas procissões, poderia se enquadrar dentro do que se estabeleceu na política de salvaguarda dos bens de natureza intangível. Tendo a sua inscrição registrada na categoria das “Celebrações”,<sup>38</sup> a exemplo de outras manifestações culturais-religiosas católicas pelo Brasil.<sup>39</sup>

#### 4.5. “Saber Fazer” Queijadas, Doces, Cocadas, Bolachas de Goma e Briceletes

Como participação efetiva da elite açucareira do século XIX (Santiago, 2009), outro elemento festa reconhecido pelos moradores como um patrimônio agregado à religiosidade da Festa do Senhor dos Passos, é a doçaria. Entre beijos, bolos, *sarolhos*, pés de moleque e cocadas de forno, o destaque se concentra nas queijadas<sup>40</sup> e briceletes.<sup>41</sup> O modo sãocristovense de fazer a queijada<sup>42</sup> traduz o cotidiano das famílias na cidade e se destaca, no período da Festa do Senhor dos Passos. Segundo Fontes (2007, p. 8), “a queijada, doce feito com farinha do reino, manteiga e leite, complementada com um doce de coco que sobre põe uma capa delicada como se fosse um biscoito, é conhecida no Brasil e fora dele”.

Em depoimento D. Neném de 98 anos acrescenta que no seu tempo de menina [...] “os doces mais vendidos na Festa de Passos eram as queijadas e as bolachinhas” [...].<sup>43</sup> A depoente explica que a receita foi mudada por conta da “farinha neném”, que não deixa as queijadinhas tão crocantes como antigamente. Essa transformação ocorreu também com as bolachinhas que deixaram de ser feitas com o leite puro de coco, para serem feitas com água de coco, “para render mais”, ficando segundo ela, mais duras e secas, não mais “derretendo na boca”. Durante a Festa do Senhor dos Passos, [...] “aumentam as vendas da tradicional doçaria sancristovense, como as populares bolachinhas e queijadas, seus nobres e frágeis briceletes, estes saídos das mãos das freiras, transformando em sinais distintivos da culinária local, fazendo as delícias dos visitantes mais requisitados” (Dantas, 2006: 57). O depoimento de D. Marieta da Casa da Queijada ilustra bem a influência dos doces e biscoitos vinculados à festa:

“[...] Foram vendidas duas mil queijadas esse ano no período da Festa de Passos. Oito dias antes de começar a festa nós já começamos a fazer as queijadinhas. Nós já assamos no forno artesanal alguns dias antes de começar a festa, porque não tem que dê conta de fazer nos dias [...]”.<sup>44</sup>

A principal via para o comércio dos doces e biscoitos é a Rua Tobias Barreto (rua em linha reta que começa em frente à Igreja Matriz da Nossa Senhora da Vitória, e termina no antigo Largo do Carmo). Nas calçadas das casas localizadas dentro do perímetro entre a Matriz e o Conjunto Carmelita, é possível encontrar doceiras vendendo as queijadas, bolachas de goma, sequilhos e cocadas. Esse ponto de venda tradicional vem de tempos passados, confirmado pela fala de D. Neném, mencionando essa rua como local de venda para as queijadas e bolachinhas na Festa de Passos, desde o tempo de criança. No seu depoimento, D. Neném menciona que [...] “daqui até a Matriz era cheio de gente vendendo queijada” [...]. “Todo mundo que vinha para a Festa de Passos queria levar uma lembrança de queijada, cocada, bolachinha, para quem ficava em casa,” [...].<sup>45</sup> D. Marieta também lembra que desde criança ajudava a mãe a fazer as queijadas para vir vender na Festa de Passos.

Dessa forma os doces e as queijadas se misturam às memórias da Festa ao Nosso Senhor dos Passos como um “saber fazer” vinculado a celebração religiosa. Nesse sentido, percebe-se a soma do patrimônio material com as recei-

tas tradicionais da gastronomia saocrisovense. Além da culinária vinculada à produção dos doces, o patrimônio material das ruas e igrejas, objetos de ex-votos, práticas de fé e religiosidade, inserem-se na memória da tradição do festejo do Senhor dos Passos, os ritos, práticas devocionais e mitos que dão identidade a comemoração na Quaresma.

## 5. Considerações Finais

A análise do presente artigo se pautou no segmento turístico que vem sendo cada vez mais estudado: o turismo religioso que se enquadra dentro da atividade turística cultural. O turismo religioso tem sido importante campo de investigação não só pelo perfil da demanda que é heterogêneo, mas também pela motivação complexa e diferenciada. Transformando os destinos, em *locus* onde perpassam diferentes significados, práticas simbólicas e vivências socioculturais.

A pesquisa identificou alguns dos bens patrimoniais materiais e imateriais que formatam a festa: o Museu do Ex-voto, as igrejas e praças do circuito da festa, as imagens de roca, a memória vinculada ao mito do achado da imagem e o “saber fazer” queijadas, doces, cocadas, bolachas de goma e briceletes. De forma ampliada, se buscou verificar na celebração saocrisovense, os novos paradigmas que enquadram a celebração religiosa dentro da própria imaterialidade da festa e do patrimônio produzido no período da celebração. Um patrimônio intangível que se faz presente por todo o ano na cidade, mas que ganha visibilidade durante a Festa do Senhor dos Passos.

Ao analisar os aspectos da Festa do Senhor dos Passos que são vinculados aos seus valores culturais, históricos, artísticos, religiosos e turísticos, se constatou a variedade de elementos que compõem o arcabouço da celebração. Nesse contexto, o turismo cultural em especial o religioso, valoriza os elementos culturais locais já existentes e os transforma em produtos atrativos para serem consumidos, seja sob o ponto de vista comercial, cultural e simbólico. Alguns dos Bens Culturais que fazem parte da festa, já são consolidados como Patrimônio Arquitetônico chancelados por órgãos como IPHAN e UNESCO, o outro grupo patrimonial embora não reconhecido oficialmente perpassa pelo novo olhar ampliado do conceito de Patrimônio Cultural, de Fe e Culto. São elementos já valorizados pela comunidade local e que devem ser reconhecidos por visitantes e turistas que vão à cidade durante a festa.

A cada edição, o centro antigo da cidade onde se realiza a festa, desponta como um local para a promoção do turismo católico no estado de Sergipe. Sendo trabalhada sob a perspectiva do turismo religioso tanto pelo valor cultural para a região sergipana, como pela relevância identitária com elementos vinculados ao patrimônio material e imaterial da cidade-sede.

Nesse contexto, a Festa ao Nosso Senhor dos Passos põe no cerne da questão a tênue fronteira que separa o que é um evento eminentemente religioso e, a partir de que momento, o mesmo transforma-se em um produto cultural para ser consumido pelo segmento da atividade turística religiosa. Se caracterizando não somente sob o ponto de vista religioso, mas turístico, cultural, social, econômico e espacial.

Ao promover anualmente o evento para a renovação dos votos em favor ao Senhor dos Passos, a sede do município se consolida em um local para o segmento do turismo religioso de forma potencial.

## Bibliografia

Alfonso, M<sup>a</sup> José Pastor

2003 “El patrimonio cultural como opción turística”. In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, 9, (20): 97-115.

Amaral, Rita de Cássia

2000 “Sentidos da festa à brasileira”. Disponível em: <[http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita\\_Amaral.htm](http://www.naya.org.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm)>. Acesso em: 05 de outubro de 2010.

Andrade, José Vicente de

2002 *Turismo: fundamentos e dimensões*. 8. ed. São Paulo: Ática.

Aragão, Ivan Rêgo

2012 “*Vinde Todas as Pessoas e Vede a Minha Dor*”: a festa/procissão ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe como Atrativo Potencial Turístico em São Cristóvão-Sergipe. Dissertação (Cultura e Turismo). UESC, Ilhéus.

Barreto, Luiz Antonio

2006 “Promessas, votos e devoção”. In: VIEIRA, M. J. G. *Senhor dos Passos em todos os passos* (pp. 43-54). Aracaju: Gráfica J. Andrade.

Barretto, Margarita

2007 *Cultura e turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus.

Brasil

2000 *Roteiros da fé*. Rio de Janeiro: EMBRATUR, Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Brasil

2001 *Inventário nacional de bens móveis e integrados: Sergipe e Alagoas*, módulo 1,(4). Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Vitae.

Brasil

2008 *Diretrizes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Brasília, MTur.

Campos, Adalgisa Arantes

2000 “Semana Santa ontem e hoje em Minas Gerais: cultura artística e religiosa”. AMADO, J. (Org.). In: *História, cara e alma do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar.

Camurça, Marcelo Aires; Giovannini Júnior, Oswaldo

2003 “Religião, Patrimônio Histórico e Turismo”. *Horizontes Antropológicos*, 9 ( 20): 225-247

CAMURCA, Marcelo Ayres

206 “As muitas faces das devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais” (pp. 257-269). In: *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, 16 (3/4). Carvalho, Eliane M<sup>a</sup>. S. F.

1989 *São Cristóvão e seus monumentos: 400 anos de história*. São Cristóvão: Secretaria de Estadual de Educação.

Chevalier, Jean; Gheerbrant, Alain

1993 *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Dantas, Beatriz Góis

2006 “Entre o sagrado e o profano”. In: Vieira, M. J. G. *Senhor dos Passos em todos os passos*. (pp. 55-59). Aracaju: Gráfica J. Andrade.

Dias, Reinaldo

2003 “O turismo religioso como segmento do mercado turístico”. In: Dias, R; Silveira, E. J. S. da. (Orgs). *Turismo Religioso: ensaios e reflexões* (pp. 7-37). Capinas: Alínea.

ELIADE, Mircea

2008 *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes.

Flexor, Maria. H. M. O.

2003 “Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto”. In: *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto: 521-534.

Flexor, Maria. H. M. O.

2005 “Imagens de Roca e de Vestir na Bahia”. In: *Revista OHUN*, 2 (2): 165-184.

- Fontes, Aglaé D'Ávila  
2007 "São Cristóvão: aspectos culturais". In: *Proposição de inscrição da praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial* (pp. 1-24). Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão. CD-ROM.
- Houtart, François  
1994 *Sociologia da Religião*. São Paulo: Ática.
- Maio, Carlos A.  
2006 "Turismo Religioso e desenvolvimento local". In: TREVIZAN, S. D. P. (Org.). *Comunidades sustentáveis a partir do turismo com base local* (pp. 311-320). Ithés: Editus.
- Maluf, Márcia  
2001 "O aspecto barroco das festas populares". In: *Revista Olhar*, 3 (5-6): 1-6.
- Maués, Renata de F. da C; Herrera-Romero, Nireibi D; Quites, Maria R.  
1998 "Restauração de uma imagem articulada do Senhor dos Passos". In: *Anais do IX Congresso da ABRACOR*, Salvador, pp. 48-51.
- Mauss, Marcel  
2008 *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa: Setenta.
- Montes, Maria Lúcia  
1998 "Entre o arcaico e o pós-moderno: heranças barrocas e a cultura da festa na construção da identidade brasileira" (pp. 1-13). In: *Revista Sexta Feira*, São Paulo, 2.
- Nunes, Maria Tétis  
2007. "A cidade de São Cristóvão na formação da história sergipana: da Colônia a nossos dias". In: *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial* (pp. 1-16). Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.
- Oliveira, Christian D. M. de  
2004 *Turismo religioso*. São Paulo: Aleph.
- Oliveira, Christian D. M. de  
2005 "Turismo religioso no Brasil: construindo um investimento sociocultural". In: TRIGO, L. G. G.. *Análises regionais e globais do turismo brasileiro*. São Paulo: Roca.
- Oliveira, Myriam A. R. de  
2000 *A imagem religiosa no Brasil*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos; Catálogo da Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca.
- Orazem, Roberta Bacellar  
2006 *Arte colonial sergipana: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). São Cristóvão: UFS.
- Pereira, João Carlos  
2003 "A linguagem do corpo na devoção popular do catolicismo". In: *Revista de Estudos da Religião* (pp. 67-98). São Paulo, PUC, 3.
- Peréz, Xerardo Pereira  
2009 *Turismo cultural. Uma visão antropológica*. Tenerife, Espanha: ACA y PASOS, RTPC.
- Quités, Maria Regina Emery  
1997 "A Imaginária processional em Minas Gerais e a sua conservação" (pp. 1-2). In: *Boletim do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*. Belo Horizonte, 1 (5).
- Quités, Maria Regina Emery  
2006 *Imagens de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as ordens terceiras franciscanas do Brasil*. Tese de Doutorado (Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – UNICAMP. Campinas.
- Quités, Maria Regina Emery  
2007 "Imaginária Processional: Classificação e tipos de Articulações" (p. 90-94). In: *Imagem Brasileira*, CEIB, 1, Belo Horizonte. CD-ROM.
- Rabelo, Nancy Regina Mathias  
2009 "Santos de vestir da Procissão das Cinzas do Rio de Janeiro – Fisionomias da fé". In: *Revista 19&20*, 4 (1), Nova Friburgo. Disponível em: <[http://www.dezenovevinte.net/obras/imagens\\_nancy.htm](http://www.dezenovevinte.net/obras/imagens_nancy.htm)>. Acesso em 02 de março de 2011.
- Rosendahl, Zeny  
1996 *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Eduerj.
- Santos, José N. dos  
2004 *Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração*. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS. São Cristóvão.
- Steill, Carlos Alberto  
2001 "Catolicismo e cultura". In: VALLA, V. V. (Org). *Religião e cultura popular* (pp. 9-40). Rio de Janeiro: DP & A.
- Santana, Augustin  
2009 *Antropologia do turismo: analogias, encontros e relações*. Trad. Eleonora Frenkel Barretto. São Paulo: Aleph.
- Sant'iago, Serafim  
2009 *Anuario christovense ou cidade de São Cristóvão*. São Cristóvão: UFS. (Versão Impressa).
- Trigo, Luiz Gozaga Godoi  
2010 "A viagem como experiência significativa" (pp.21-41). In: GAETA, C; PANOSSO NETO, A. (Orgs.). *Turismo de experiência*. São Paulo: SENAC.

## Notas

- <sup>1</sup> Com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, o presente artigo é parte integrante do Capítulo II da minha dissertação de mestrado em cultura e turismo, intitulada “Vinde, todas as pessoas, e vede a minha dor”: a Festa ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe como Atrativo Turístico Potencial, defendida em abril de 2012.
- <sup>2</sup> Em 2013 o Ministério do Turismo no Brasil abriu edital de apoio para locais que possuem potencial para desenvolver o turismo religioso nas cinco regiões do país.
- <sup>3</sup> A festa é celebrada 17 dias após o Carnaval dentro do período da Quaresma.
- <sup>4</sup> Suplício, jornada dolorosa.
- <sup>5</sup> Peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado sagrado para pagar promessas, agradecer ou pedir graças, ou simplesmente por devoção.
- <sup>6</sup> O IPHAN é o órgão oficial que regulariza os registros dos bens patrimoniais do Brasil. O Registro é um instrumento legal de preservação, reconhecimento e valorização do patrimônio cultural imaterial brasileiro, composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. Consiste na produção de conhecimento sobre o bem cultural imaterial em todos os seus aspectos culturalmente relevantes.
- <sup>7</sup> Fonte: Globo News Documentário – Turismo Religioso, exibido nos dias 08 e 09/10/2011.
- <sup>8</sup> A Festa de Nossa Senhora de Sant’Ana em Caicó-Rio Grande do Norte e a Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém-Pará são patrimônios culturais do Brasil, registrados no Livro das Celebrações do IPHAN.
- <sup>9</sup> Andrade (2002), Brasil (2000, 2008), Dias (2003), Maio (2006), Oliveira (2004).
- <sup>10</sup> Descrição da vida de algum santo, beato e servo de Deus, proclamados por algumas igrejas cristãs, sobretudo pela Igreja Católica, pela sua vida e pela prática de virtudes heróicas. É também a disciplina de estudo que se ocupa com a vida dos santos e sua veneração.
- <sup>11</sup> São sete os Ofícios da Festa de Nosso Senhor dos Passos e Semana Santa (sendo três antes da data da Festa, o quarto na sexta feira do início da festa e os três últimos após a festa). Todos os Ofícios ficam a cargo da Igreja da Ordem Terceira do Carmo ou Carmo Pequena.
- <sup>12</sup> O termo *ex-votos* origina-se do latim *ex-voto suscepto*, isto é, “por força de uma promessa” ou “o voto realizado”.
- <sup>13</sup> Pano em tom de roxo que vela a imagem de Nosso Senhor dos Passos da visão externa dos fiéis.
- <sup>14</sup> Como Simão de Cirineu que ajudou a Jesus a carregar a cruz, a Verônica desponta como outro personagem de destaque no caminho do calvário. Não há referência à história de Santa Verônica e seu véu nos Evangelhos Canônicos, mas segundo reza a tradição, foi uma mulher piedosa que, comovida com o sofrimento de Jesus, deu-lhe seu véu para que ele pudesse limpar seu rosto. Assim como em outras cidades do Brasil, a Verônica se destaca como uma personagem dramática na encenação dos Passos da Paixão tratando-se de uma cantora que entoava um lamento durante a Procissão do Encontro.
- <sup>15</sup> Oh vós todos que passais pela via: vinde e vede se há dor como a minha dor. Oh vós todos que passais pela via, vinde e vede: Se há dor parecida com a minha dor. V. Vinde, todas as pessoas, e vede a minha dor. Se há dor parecida com a minha dor.
- <sup>16</sup> Também conhecido como Sala dos Milagres.
- <sup>17</sup> Depósito dos objetos de ex-votos nas salas de milagres das igrejas.
- <sup>18</sup> Trajeto seguido por Jesus Cristo carregando a cruz que vai do Pretório até o Calvário.
- <sup>19</sup> Irmã leiga consagrada na Ordem Carmelita, mestre em antropologia e responsável pela nova diagramação do Museu do Ex-voto em São Cristóvão.
- <sup>20</sup> Com o título de “Saltério de Madeira: salvaguarda dos signos de cura e de fé de São Cristóvão”, o projeto da Sr<sup>a</sup>. Lucia Maria Pereira foi um dos finalistas nacionais do Premio Rodrigo Melo Franco de Andrade no ano de 2011, promovido pelo Iphan na categoria pesquisa e inventário de acervos no Museu do Ex-voto em São Cristóvão.
- <sup>21</sup> Entrevista concedida em 23/11/2011 na cidade de Aracaju.
- <sup>22</sup> Bazin (1983), Iphan (s.d.), Nascimento (1981), Sobrinho (s.d.), Vilela; Silva (1989), citados por Orazem (2006).
- <sup>23</sup> Maria Rita de Souza Brito Lopes era o nome de batismo de irmã Dulce. Ainda adolescente, fez noviciado na Escola das Irmãs da Imaculada Conceição, em 1933/1934, nessa época instalada no Convento de Nossa Senhora do Carmo, em São Cristóvão/SE, recebendo o hábito da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus. Fonte: Blog Cicerone de São Cristóvão.

- <sup>24</sup> O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas, é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Fonte: Iphan.
- <sup>25</sup> Os artistas e artífices do período barroco e o rococó se utilizaram de elementos da natureza, como folhas e conchas, bem como elementos em espiral para dar a idéia de movimento.
- <sup>26</sup> Elemento de arquitetura que separa a nave da capela-mor ou do coro situando-se no cruzeiro.
- <sup>27</sup> Desde agosto de 2010, a Praça São Francisco recebeu o selo de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO por ser um modelo exemplar de *Plaza Mayor* construída em terras fora da Espanha.
- <sup>28</sup> Secretária de Cultura e Turismo em São Cristóvão no período de 2008 a 2012.
- <sup>29</sup> Entrevista concedida em 19/03/2011 em São Cristóvão.
- <sup>30</sup> Data da emancipação política da província de Sergipe Del Rey.
- <sup>31</sup> Campos (2000), Flexor (2005), Oliveira (2000), Quites (1997, 2006, 2007), Rabelo (2009).
- <sup>32</sup> Conservador-restaurador das imagens que fazem parte da festa.
- <sup>33</sup> Depoimento concedido em 20/03/2011 em São Cristóvão-Sergipe.
- <sup>34</sup> Documento pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Fundo Serafim Sant'iago, fl. 20, 1920.
- <sup>35</sup> Afluente que beira a cidade pela parte baixa.
- <sup>36</sup> Realizada no período da Festa de Nosso Senhor dos Passos na edição de 2011 pelo presente autor.
- <sup>37</sup> Em seu artigo (2003), a autora faz referência as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia para mencionar que o culto e devoção de Senhor dos Passos ficava a cargo da Irmandade Carmelita.
- <sup>38</sup> O IPHAN estipulou quatro categorias para enquadrar os bens de natureza imaterial: "Celebrações", "Formas de Expressão", "Lugares" e "Saberes".
- <sup>39</sup> Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré (Belém-Pa), Festa do Divino Espírito Santo (Pirenópolis-Go), Festa de Sant'Ana (Caicó-RN).
- <sup>40</sup> Registrada como patrimônio imaterial do Estado de Sergipe por meio do decreto N° 27.720 de 24 de março de 2011.
- <sup>41</sup> Tradicionais biscoitos feitos pela Congregação das Irmãs Missionárias Lar Imaculada Conceição. Possuem várias capas e são elaborados com suco de laranja e raspas de limão.
- <sup>42</sup> Originalmente feita com queijo, às queijadinhos foram trazidas pelos portugueses que vieram para São Cristóvão, sendo criativamente incorporadas e adaptadas conforme os preceitos locais. O queijo foi substituído pelo coco – matéria prima abundante no litoral do Nordeste do Brasil.
- <sup>43</sup> Depoimento recolhido em 20/03/2011 em São Cristóvão.
- <sup>44</sup> Depoimento colhido em 22/12/2011 em São Cristóvão.
- <sup>45</sup> Depoimento colhido em 20/03/2011 em São Cristóvão.

*Recibido:* 22/04/2013  
*Reenviado:* 14/06/2013  
*Aceptado:* 19/06/2013  
*Sometido a evaluación por pares anónimos*